

## **CRIANÇAS E ADOLESCENTES OUVIDORES DE VOZES DO CAPSi: A IMPORTÂNCIA DA IDENTIFICAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DAS VOZES**

LISIANE DA CUNHA MARTINS DA SILVA<sup>1</sup>; PAULA SHAKIRA ARAUJO PEREIRA<sup>2</sup>;  
CLARISSA DE SOUZA CARDOSO<sup>3</sup>; LIENI FREDO HERREIRA<sup>4</sup>; VALÉRIA  
CRISTINA CHRISTELLO COIMBRA<sup>5</sup>; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas 1 – [lisicunha.martins@gmail.com](mailto:lisicunha.martins@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas 2 – [paulinha.fi@hotmail.com](mailto:paulinha.fi@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas 3 – [cissascardoso@gmail.com](mailto:cissascardoso@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pelotas 4 – [lienierreiraa@hotmail.com](mailto:lienierreiraa@hotmail.com)

<sup>5</sup> Universidade Federal de Pelotas 5 – [valeriacoimbra@hotmail.com](mailto:valeriacoimbra@hotmail.com)

<sup>6</sup> Universidade Federal de Pelotas 6 – [mandagara@hotmail.com](mailto:mandagara@hotmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

Por muitos anos ouvir vozes, que outras pessoas não ouvem são consideradas como alucinações auditivas, e era considerada como sintomas para diagnóstico de transtorno mental podendo ser considerado também como uma psicose ou uma vivência transitória, por isso tem aumentado o número de estudos com enfoque neste assunto (MAIJER, et al., 2018).

Atualmente, estudos recentes apontam que o fato de ouvir vozes não é um indicativo de que o indivíduo possui distúrbio mental ou psicose, mas sim uma manifestação humana. Entendendo-se que as vozes sobrepõem a vida do indivíduo (CARDANO, 2018).

Conforme o estudo de Corradi-Webster et al, (2018) crianças e adolescentes possuem maior prevalência em relação a ouvir vozes, mas com o avanço da idade ocorre diminuição destes episódios.

Com isso, pode ser identificado eventos que acabam desencadeando o início da percepção da escuta das vozes, tais fatores podem ser de origem traumática, crenças religiosas, problemas cognitivos, depressão e ansiedade, as vozes podem se tornarem manipuladoras, controladoras e usurpadoras do viver do indivíduo (COUTO, KANTORSKI, 2018).

Quando este problema transcorre com as crianças e adolescentes, os pais se sentem impotentes, com isso poderão se tornar superprotetores (ESCHER, 2017). Conversar e entender por qual motivo as vozes aparecem e tentar identificar suas principais características.

Devido a necessidade de aprofundar os conhecimentos sobre a escuta das vozes na infância e adolescência, considerando a relevância, da temática, este trabalho tem por objetivo descrever as características das vozes.

### **2. METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo transversal do tipo descritivo com abordagem quantitativa. Os dados são parte integrativa de um Trabalho de conclusão de Curso com informações provenientes de uma pesquisa mais ampla intitulada “Avaliação dos Centros de atenção Psicossocial Infanto-juvenil do Rio Grande do Sul (CAPSi-RS)”,

aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem sob o parecer nº 3.023.338 e financiada pelo CNPq.

O estudo utiliza dados que foram coletados em 19 CAPSi municipais do estado do Rio Grande do Sul (RS) no período de dezembro de 2018 a março de 2020. Os participantes foram crianças e adolescentes que são atendidos em CAPSi com faixa etária dos 6 anos aos 18 anos, que afirmavam ouvir vozes. A coleta dos dados foi feita através de um questionário adaptado do Maastricht interview with a children and adolescent Who hearing voices (MIC), aplicados em crianças e adolescentes frequentadores do CAPSi. As variáveis selecionadas para análise deste estudo foram; identificação do tipo de som e local de onde vem, características das vozes.

Os referidos dados foram digitados no gerenciador de banco de dados do Microsoft Access e após exportado para o software Stata para análise estatística. Ocorreu a utilização do software Epi-info para a realização de cálculos da amostra. Foi estimado uma margem de 3% para erros.

Foram respeitados todos os princípios éticos e legais, de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde 466/2012 (2012) e a Resolução 564/2017 que trata do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem (COFEN, 2017). Foi garantido aos participantes e seus respectivos responsáveis o conhecimento sobre o objetivo do estudo e seu direito do anonimato, em virtude de que o grupo é composto por crianças e adolescentes foi utilizado o termo de Assentimento Livre e Esclarecido e aos responsáveis à assinatura deste termo.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Amostragem deste estudo é composta de 134 participantes entre crianças e adolescentes com faixa etária entre 06 à 18 anos, que confirmam ouvir vozes. Sobre a escuta das vozes quanto o tipo de som e o local de onde vem, foi computado que 62,7%(84) conseguem identificar o tipo de som, com relação ao local de onde vem a voz foram computados que 64,6%(51) adolescentes e 60,0%(33) crianças sabem de onde vem a voz. Com relação às características das vozes, 56,7%(76) conseguem relatar as características das vozes. Conforme a tabela abaixo.

Característica	Total n (%)	Faixa etária		p-valor
		Criança	Adolescente	
		n (%)	n (%)	
Identifica o tipo de som, local de onde vem a voz				
Sim	84 (62,7)	33 (60,0)	51 (64,6)	0,592
Não	50 (37,3)	22 (40,0)	28 (35,4)	
Características das vozes				
Sim	76 (56,7)	32 (58,2)	44 (55,7)	0,775
Não	58 (43,3)	23 (41,8)	35 (44,3)	



Através do presente estudo pode-se observar que para maioria dos participantes (62,7%) reconhece o tipo de som e de onde vem a voz, além das características das vozes. Corroborando com outros estudos, que demonstram a capacidade de identificar as vozes quanto a sua particularidade e os eventos que desencadearam o surgimento das mesmas (CORSTENS; LONGDEN,2013; WOODS et al.,2015).

A confirmação do reconhecimento do tipo de som, local de onde vem e as características das vozes, podem trazer dados importantes como conflitos emocionais subentendidos contidos nas vozes, com isso pode se aplicar de maneira eficaz um cuidado que auxilia na recuperação pessoal, compreendendo que muitos indivíduos em certos eventos da vida acabam ouvindo vozes e a identificação delas são importantes para o cuidado (CORSTENS; LONGDEN,2013).

Com as devidas informações pode-se trabalhar estratégias com as crianças e adolescentes (as) de vozes de modo que consigam estabelecer um diálogo com as vozes para uma melhor compreensão e convivência com as vozes. Estes tipos de estratégias são feitos individualmente, pois tem como base sua história, realidade cultural, familiar e social (COUTO, KANTORSKI, 2020).

#### 4. CONCLUSÕES

O estudo mostra a importância na identificação do tipo de som, de onde vem a voz e as características das vozes na infância e adolescência. Visando mostrar que dependendo de como conseguem compreender e controlar estas vozes, podem ter uma vivência mais favorável e controle sobre si e conseguindo adquirir seu autoconhecimento.

O presente estudo visou quebrar o estigma de que ouvir vozes é sinal de loucura, com isso auxilia reduzir sofrimento dos ouvidores. Principalmente crianças e adolescentes que estão mais suscetíveis a bullying, por isso é de suma importância ensinar as crianças e adolescentes a respeitar as diferenças dos outros porque cada um é de um jeito, único e especial.

Há muitas limitações para um devido aprofundamento sobre o presente estudo, pois existem poucos artigos específicos que trabalhem com as crianças e adolescentes, com isso utiliza-se dados relacionados a estudos com adultos. Deve se destacar também que houve um número pequeno de participantes para o estudo transversal.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012:** Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: Ministério da Saúde. 2012.

COFEN, **Resolução COFEN N° 564/2017.** Aprova o novo Código de Ética dos profissionais de Enfermagem. 2017.



CARDANO, M. O movimento internacional de ouvidores de vozes: as origens de uma tenaz prática de resistência. **J. nurs. Health**, ed 8, n.esp. P:1-12, 2018; e188405.

Corradi-Webster, C. M., et al., Colaborando na trajetória de superação em saúde mental: Grupo de Ouvidores de Vozes, **revista Nova Perspectiva Sistêmica**, 27(61), 22-34, Ribeirão Preto SP, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.38034/nps.v27i61.411>

CORSTENS, D.; LONGDEN, E. As origens das vozes: ligações entre a história de vida e a audição de voz em um levantamento de 100 casos. *Psicose*, v. 5, n. 3, p. 270-285, 2013.

COUTO, M.L.O., KANTORSKI, L.P., Ouvidores de vozes: uma revisão sobre o sentido e a relação com as vozes, **revista Psicologia USP**, V. 29 | número 3, p. 418-431, São Paulo, 2018.

COUTO, M.L.O.; KANTORSKI, L.P. Ouvidores de vozes de um serviço de saúde mental: características das vozes e estratégias de enfrentamento. **Psicologia & Sociedade**. Belo Horizonte, v. 32, p.1-18. 2020.

ESCHER, S. **Não entre em pânico se seu filho ouve vozes**. Holanda. Arquivo disponível e traduzido: Centro Educacional de Novas Abordagens Terapêuticas (CENAT). 2017. 7p.

KANTORSKI, L.P., et al., Grupos de ouvidores de vozes: estratégias e enfrentamentos, **Revista Saúde debate**, vol.41, no.115, p:1143-1155, Rio de Janeiro 2017.

MAIJER, K., et al., Alucinações auditivas ao longo da vida: uma revisão sistemática e meta-análise, **journals Psychological Medicine**, 48(6), 879-888, Universidade de Cambridge, Inglaterra, 2018.

WOODS, A.; JONES, N.; ALDERSON-DAY, B.; CALLARD, F.; FERNYHOUGH, C., Experiências de ouvir vozes: análise de uma nova pesquisa fenomenológica. **The Lancet Psychiatry**, v.2, n.4, p. 323-331. 2015.